

JOSEPH GODSON

## DIFERENTES PERCEPÇÕES NAS RELAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

---

A Aliança Ocidental parece atravessar novamente uma das suas crises periódicas. Ultimamente, a NATO foi mais uma vez declarada moribunda, de ambos os lados do Atlântico. O **London Economist** chegou ao ponto de declarar que a Aliança estava nos «primeiros estádios» de uma «doença final». Independentemente da opinião de cada um sobre as conclusões destes adivinhos, ninguém ousa encobrir a mais recente série de divisões que ameaça minar o próprio edifício que tão bem serviu nos últimos trinta e dois anos.

Não há dúvida de que as divisões são reais. Até o próprio Dr. Joseph Luns, Secretário-Geral da NATO, avisou no mês passado em Londres que há «talvez um risco maior do que nunca de as divergências provocarem desta vez divisões no seio da Aliança que poderão ser extremamente difíceis de remediar».

O facto de as atitudes europeias no que diz respeito à defesa terem sofrido mudanças substanciais em anos recentes, que vão da rejeição total à aceitação relutante das decisões da NATO, é de fundamental importância. Isto é especialmente verdadeiro para a Europa Central e Setentrional e, apesar de não devermos talvez atribuir demasiada importância ao facto de estes países serem predominantemente protestantes, é todavia verdade que a Igreja Protestante tem tido um papel proeminente no encorajamento de uma posição antidesa, que é evidente na Holanda, Alemanha e também na Grã-Bretanha.

Quais as razões para as mudanças na atitude perante a defesa? É impossível fornecer uma explicação global satisfatória pela simples razão de que os motivos são múltiplos e porque, além disso, as condições variam de país para país. Talvez as observações que se seguem ajudem a lançar alguma luz sobre as questões envolvidas.

1. Pode argumentar-se, pelo menos teoricamente, que a situação mundial evoluiu tanto durante os últimos anos que seria agora possível negligenciar a defesa. Raras vezes ou nunca se ouve este argumento porque é, evidentemente, falso. Pode argumentar-se que, além da ameaça militar, as sociedades ocidentais enfrentam muitos

mais perigos, óbvia constatação dos factos que não tem qualquer relação com a necessidade de defesa.

2. As atitudes psicológicas modificaram-se à medida que as novas gerações surgiram na cena política europeia. Um antigo ministro dinamarquês notou, num livro publicado há alguns anos, que, para a sua geração, o dia em que a Alemanha nazi invadiu e ocupou o seu país em poucas horas, em Abril de 1940, era ainda uma recordação viva, enquanto para aqueles que andam agora pelos 30 ou 40 anos não passa de uma história, talvez verdadeira, mas de qualquer forma irreal e que dificilmente se poderia repetir. O mesmo parece ser verdadeiro para os holandeses, belgas, etc., jovens ou de meia-idade.

3. Na Europa, as atitudes perante a defesa são altamente volúveis, facilmente influenciados por algum acontecimento dramático que ilumine o perigo, como por exemplo a Hungria, a Checoslováquia ou, recentemente, o Afeganistão. Passado o acontecimento dramático, deixa de se sentir a necessidade para qualquer esforço de defesa.

4. Alguns europeus acreditam, em consequência de argumentos repetidos sem fim pelos media, que há uma ampla rivalidade mundial entre as duas superpotências. Se não fosse esta confrontação entre a União Soviética e os Estados Unidos, diz-se, a Europa seria mais segura. Se os europeus fornecem bases aos americanos ou, em termos gerais, colaboram com eles na Aliança, isso, diz-se ainda, não passa de um favor devido aos velhos tempos.

Esta visão da situação mundial distorce de duas maneiras o verdadeiro estado de coisas. A rivalidade entre a União Soviética e os EUA tem tido, historicamente, e tem-no agora, o seu centro na Europa — os outros pomas da discórdia são importantes mas relativamente menores. A Europa não era um oásis de paz e segurança lançado repentinamente para a confrontação das superpotências muito a seu contra-gosto. Foi por um lado a fraqueza da Europa e por outro a emergência da União Soviética como potência mais poderosa na Europa que levaram ao relutante envolvimento americano nos assuntos europeus. É igualmente errado pôr a par as aspirações da União Soviética e da América na Europa; são tão óbvias as diferenças que não há necessidade de referi-las uma vez mais para uma audiência como esta. No entanto, as concepções erradas ainda são (ou voltam a ser) comuns.

5. A ideia de que a Europa seria mais segura se fosse neutral ou não-alinhada surge frequentemente em discussões sobre defesa em alguns países. O dirigente da Juventude Trabalhista Norueguesa, por exemplo, declarou que os EUA e a URSS «encaminham-se para fazer da Europa um campo de batalha. É por isso importante não aumentar a tensão, o que acontecerá se nos deixarmos envolver nos planos de acção das superpotências».

6. O Parlamento Norueguês votou, por uma larga maioria, em Janeiro deste ano, a favor de armazenamento prévio, ainda que na Noruega Central, não do Norte. O debate foi interessante, não tanto pelo resultado, que foi de compromisso, mas pelos argumentos avançados no seu decurso. A Noruega não é, de modo algum, um caso extremo. Os partidos de esquerda e do centro na Dinamarca, Holanda e Bélgica, revelaram-se mais veementes contra a defesa, ou, pelo menos, propuseram saídas logicamente incoerentes. Isto é verdadeiro, por exemplo, para o Partido Democrata-Cristão (CDA) na Holanda e para o Partido Trabalhista Holandês. Os Sociais-Democratas alemães, em especial os que seguem Willy Brandt, puseram sérias reservas à decisão TNF da NATO; muitos gostariam de enfraquecer essa decisão e uma minoria forte opõe-se-lhe por completo. O Partido Trabalhista Britânico é favorável ao desarmamento unilateral (não aos mísseis de cruzeiro, não à modernização, fim às bases dos EUA, etc), sem defender até agora a saída da NATO ou a dissolução pura e simples da Aliança. A Internacional Socialista, sob a direcção de Brandt, tornou-se nos últimos anos cada vez mais crítica em relação à NATO. As razões desta evolução variam de país para país. Na Holanda, o factor mais importante foram talvez as igrejas. Seria preciso voltar muito atrás na História para explicar a radicalização da Igreja Reformista Holandesa. Na Grã-Bretanha, por outro lado, o fortalecimento do movimento de pressão antidesarmamento resulta em grande parte, excepto no que toca aos liberais, da radicalização do Partido Trabalhista, da influência dos troskistas e outros elementos extremistas pró-soviéticos, da tomada de posições-chave nos sindicatos pela esquerda radical, etc.

7. A primeira vista, parece haver uma ligação óbvia entre o movimento europeu antidesarmamento e a propaganda soviética. Poderá ser uma simples coincidência o facto de se invocarem no início de 1980 os horrores da guerra nuclear e um holocausto iminente só depois de a NATO ter anunciado os seus planos de modernização?

Durante os muitos anos em que a União Soviética tomou a dianteira nos programas nucleares estratégicos nunca houve tais protestos. O END, o CND e o Desarmamento Mundial estiveram adormecidos e não houve nenhuma campanha pelo «Desarmamento Nuclear Europeu».

Só depois de a NATO ter anunciado a sua vontade de retomar algum do terreno perdido é que se ouviram os argumentos de que a guerra nuclear seria inevitável a menos que se tomassem medidas imediatas. Tudo isto, é desnecessário dizê-lo, se passa no Ocidente, dado que no Leste não se pode protestar. Em geral, os porta-vozes destas campanhas não vão ao ponto de proclamar que os mísseis e as bombas soviéticas são bons enquanto os mísseis e as bombas ocidentais são maus. Pelo contrário, o apelo ao Desarmamento Nuclear Europeu (28 de Abril de 1980) afirma: «Não queremos dividir

proporcionalmente as culpas entre os dirigentes políticos e militares do Leste e do Ocidente. As culpas recaem igualmente sobre ambas as partes». Pode fazer-se um libelo contra a estratégia de «defesa barata», tornada doutrina ocidental nos anos '50, com um pesado ênfase nas armas nucleares e com o abandono da defesa convencional. A relutância em igualar o reforço soviético no campo convencional conduziu a uma perigosa dependência das estratégias nucleares, que, à parte todos os outros inconvenientes, se tornaram cada vez mais caras. No entanto, nenhum dos protestos antinucleares apontou qualquer estratégia convencional alternativa. A sua orientação, grosso modo, não é apenas anti-NATO, mas contra a defesa enquanto tal. Todavia, por mais patente que seja a coincidência entre a propaganda soviética e a campanha antidesfesa, o seu relativo sucesso não se pode explicar apenas recorrendo às manipulações propagandísticas, dado que os temas da propaganda não eram novos em 1980 nem em 1981, já vinham de há muito. O que não existia antes era a mesma aceitação.

8. Para compreender os motivos profundos talvez seja preciso voltar atrás na História e considerar o problema geral da vontade europeia em defender-se.

A agressão hitleriana iniciada em 1936 baseava-se no pressuposto de que a maioria dos países europeus, especialmente os da Europa Ocidental e Setentrional, já não desejavam defender-se. Estaremos nós a caminhar agora no mesmo sentido, querendo ou não querendo?

No entanto, em franco contraste com isso, as atitudes americanas face à defesa evoluíram numa direcção diferente da europeia, nestes últimos anos, e há uma compreensão muito maior (e um maior consenso interno) quanto à necessidade de defesa. Será possível encontrar pontos comuns entre a América e os parceiros europeus nos próximos anos perante atitudes tão divergentes? O que se disse acerca da oposição à defesa na Europa diz respeito, presentemente, às atitudes psicológicas. Nenhum governo europeu ocidental sugere nesta altura que a Europa não se deve defender como questão de princípio. Há, porém, amplas divergências de opinião na Europa e dentro de cada país; muito dependerá da direcção para a qual a opinião pública europeia continuar a dirigir-se nos próximos anos e o tipo de direcção que tiver.

Desde há alguns meses que amplos estratos da população da Europa Ocidental vêm sofrendo uma convulsão emocional sobre as armas nucleares. Os movimentos sob a chamada bandeira da paz ou pelo desarmamento nuclear unilateral fazem rápidos progressos. Em alguns países isso deve-se em parte a um pacifismo histórico, noutros, a um receio aos horrores da destruição nuclear e à predisposição em contentar-se com um certo neutralismo; noutros ainda

trata-se de uma combinação de ambas as coisas somada a uma dose de nacionalismo e de um subtil antiamericanismo latente.

Grande parte deste sentimento esteve adormecido durante anos. Mas a decisão de Dezembro de 1979 de que as forças de teatro nuclear da NATO deveriam ser modernizadas pela colocação de novos mísseis de cruzeiro e Pershing para igualar os SS-20 russos — uma decisão proposta, por acaso, pelos europeus e não pelos americanos, como um mito crescente indica — parece ter-se transformado na faísca que ateou o fogo que ameaça agora não só a unanimidade dessa decisão mas a estabilidade política em alguns países e portanto a própria coesão da Aliança, para indubitável alegria do Kremlin.

Enquanto a decisão de 1979 reclamava esforços simultâneos com a União Soviética no controle de armamento, largos estratos da população europeia suspeitaram e continuam a suspeitar da veracidade das promessas dos Estados Unidos em aderir a uma resolução bivalente. A propaganda soviética e a ofensiva de paz de Brejnev contribuíram para a suspeita. Além disso, o novo Governo de Washington, dividido, não está inteiramente isento de culpas no encorajamento deste cepticismo europeu em rápido crescimento quanto às intenções dos EUA acerca das negociações e acordos de controle de armamento. A recente decisão de Washington sobre a produção das ogivas de radiação não foi certamente um exemplo de tacto na condução das relações internacionais e certamente não ajudou à instalação das TNF.

De modo geral, o Governo Reagan foi vago e mesmo por vezes simplista ao afirmar aos europeus o seu verdadeiro interesse num efectivo controle de armamento. Infelizmente, deixou crescer e espalhar-se na Europa a impressão de que está relutante em levar a cabo esse assunto e está basicamente mais preocupado em alcançar a supremacia militar.

Se não for rectificada, essa imagem poderá vir a ser por si só tão prejudicial à harmonia transatlântica como a aparência de uma excessiva devoção europeia ao controle de armamentos à custa da manutenção de uma defesa crível. Os americanos não podem permitir-se ser vistos na Europa como menos interessados no controle de armamentos do que os europeus, tal como os europeus não deveriam ser vistos nos Estados Unidos como cegos às suas armadilhas. Não reconhecer isto só pode levar ao fortalecimento do unilateralismo (p. ex. o Reino Unido) e/ou do pacifismo ou neutralismo (p. ex. a Alemanha) e colocar a própria credibilidade da dissuasão ocidental em causa.

Gostaria de concluir com uma palavra acerca do espírito das relações Estados Unidos-Europa. Para começar, os europeus e os americanos têm de aceitar-se como parceiros iguais e responsáveis. Além disso, os europeus têm de deixar de pensar nos EUA como

um escudo por trás do qual podem deixar o seu fardo de responsabilidades. Têm de deixar-se de acumular críticas contínuas e por vezes contraditórias aos EUA, queixando-se num dia de que são muito fracos, e no dia seguinte de que são superconfiantes, lamentando a sua presença em alguns países mas condenando o seu chamado isolacionismo em relação a outros, rejeitando o seu envolvimento mas receando o seu abandono.

Por outro lado, os EUA agem por vezes como se a unidade fosse sinónimo de uniformidade. Aos olhos dos europeus, no entanto, nem o alinhamento é a única forma que a solidariedade pode tomar, nem é o nível mais alto que pode atingir. Em suma, os americanos têm de reconhecer a diversidade da Europa e os europeus têm de provar que possuem o sentido das responsabilidades e estão dispostos a partilhá-las.